

JÚLIO DE CASTILHO

A RIBEIRA DE LISBOA

DESCRIÇÃO HISTÓRICA

DA

MARGEM DO TEJO

DESDE A MADRE DE DEUS ATÉ SANTOS-O-VELHO

Tercelra edição

**Revista e ampliada pelo autor
e com anotações de Luis Pastor de Macedo**

VOLUME IV

PUBLICAÇÕES CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

1 9 6 4

ÍNDICE

CAPÍTULO I

Págs.

Vista de olhos à Ribeira das Naus. — Um inglês intruso entre os nossos operários. — Desconhecida estátua equestre de El-Rei D. João V. — Protecção do mesmo rei ao Arsenal da Marinha. — Entra-se no exame do celeberrimo palácio do Corte-Real. — Genealogia dos Cortes-Reais. — Casa que essa família possuía ao Espírito Santo da Ribeira. — D. Margarida Corte-Real, herdeira, toma por marido D. Cristóvão de Moura. — Duas palavras a respeito dele. — Projecta D. Cristóvão reedificar o palácio de sua mulher. — Começam as obras em 1585. — Um conselho do Rei Filipe II. — Acepções várias da palavra *presente*. — Jazigo dos Cortes-Reais em S. Francisco da Cidade. — Herdeiros de D. Cristóvão. — Descrições do palácio por autores antigos. — É confiscado em 1640 por El-Rei D. João IV. — Doação ao Príncipe D. Pedro, em 1654

5

CAPÍTULO II

Hospeda-se no Corte Real o conde de Sandwich em 1662. — Nesse ano passa o Príncipe D. Pedro a habitar neste palácio. — Para aqui se muda de Queluz. — Como apreciam esta casa magnífica dois antigos viajantes. — Recepções da Rainha

D. Maria Francisca no Corte Real. — Um duelo no pátio. — Despeitos e arrogâncias do marquês de Cascais; cena de altivez presenciada nestas salas. — Nasce em 1669 a Infanta D. Isabel. — Doença da rainha em 1671. — Seu falecimento em 1683 em Palhavã. — Chegada da Rainha D. Maria Sofia em 1686. — Inumeram-se os nascimentos de outros príncipes neste mesmo palácio. — Aqui morre em 1699 a Rainha D. Maria Sofia. — Para aqui vem habitar em 1700 a senhora D. Luísa, duquesa do Cadaval. — Chegada do príncipe Jorge de Darmstadt em 1702. — Sai El-Rei D. Pedro para a guerra da Beira. — Sua tornada e morte. — É restituído o palácio do Corte-Real aos herdeiros dos seus antigos donos, e por eles vendido à nossa família real. — Incêndio em 1751. — Versos que esta calamidade motivou. — Restauram-se os estragos; aqui se instaura a Casa do Infantado. — Medições do prédio, e descrições autênticas. — Descobre-se o jardim do palácio em 1883

CAPÍTULO III

Examina-se a praça do Corpo Santo. — Várias portas públicas que sobre ela se abriam. — As Fontainhas e o seu arco. — Onde era este arco. — Propriedade que os Mouras aí algures possuíam. — O que era o boqueirão da Corte Real. — Esse arco das Fontainhas tinha também os nomes de arco do Corpo Santo e de arco de Cata-que-farás. O postigo dos Cobertos. — *Dos Cobertos* porquê? — Postigo do Carvão, também conhecido como arco do Espinho. — Esculturas dessa porta. — A Tanoaria. — Lopo Mendes. — A Fundição. — Origens da Tanoaria no século XIV. — A porta da Oira. — Estuda-se quanto possível essa célebre

Págs.

| | |
|---|----|
| entrada. — A origem de tal denominação é desconhecida. — Cenas medievas. — Aderesso da porta da Oira em 1521. — Habitações nobres por estes sítios. — Casa de D. Álvaro da Costa. — Seus descendentes habitaram aí. — O postigo do Corte Real. — Medições | 46 |
|---|----|

CAPÍTULO IV

| | |
|--|----|
| Teracenas edificadas nesta paragem por El-Rei D. Manuel. — A ermida do Corpo Santo. — Invocam-se antigos escritores. — Nossa Senhora da Graça e S. Pedro Gonçalves. — Festas. — Descreve-se a ermida e a sua escada. — Medições. — Os vadios da Ribeira. — Protege-os o <i>pai dos velhacos</i> . — Providências de El-Rei D. João III em 1546. — Alusão a um moderno americano muito benéfico | 68 |
|--|----|

CAPÍTULO V

| | |
|---|----|
| Duas palavras acerca dos Dominicanos irlandeses do Corpo Santo. — Frei Domingos do Rosário. — Inauguração do convento em 1659. — O terremoto de 1755. — Restauração da casa. — Medições. — Câmaras ópticas do Corpo Santo. — Mercado do carvão. — Venda do leite na mesma praça | 77 |
|---|----|

CAPÍTULO VI

| | |
|---|--|
| O sítio marinho de Cata-que-farás. — A Cruz de Cata-que-farás. — Remonta-se ao século xv, pelo menos, esta denominação singular. — Providências de El-Rei D. Manuel, que melhoram estes lugares. — Proibem-se aglomerações de madeiras. — Calçamento do rossio de Cata-que-farás. — Faz-se um chafariz. — A ponte de madeira. — Os Remolares. — Casas de pasto no sítio em tempo de El-Rei D. João V. — Versos de Garção. — Praça mo- | |
|---|--|

derna dos Remolares. — Calça-se em 1849. — A meridiana em 1860. — Os sábios e a meridiana. — Monumento ao duque da Terceira, por Simões de Almeida, em 1877. — Os Sodrés. — O Hotel Central. — Rápida digressão sobre antigas hospedarias lisbonenses. — O nosso Cais do Sodré à noitinha. — Marinheiros ingleses; grosserias desses bretões avinhados. — Acaba em 1834 o uso de serem arrojados aqui ao Tejo os cadáveres dos cavalos. — Venda de carvão. — Providências municipais sobre o asseio e compostura destas praias

81

CAPÍTULO VII

As Casas caídas. — O largo do Stefens. — Quem era este inglês. — Fábrica de refinar açúcar criada em 1751 a S. Paulo. — O estrangeiro Smits. — Igreja de S. Paulo. — Medições antigas. — Descrição da frontaria do moderno templo paroquial de S. Paulo. — Quadros da antiga igreja e da moderna. — A S. Paulo afluíram sempre muitos estrangeiros. — Versos velhos. — O novo mercado de S. Paulo chamado da Ribeira Nova. — Venda de pão e outros comestíveis no Largo de S. Paulo. — É proibida em Dezembro de 1835. — História minuciosa do chafariz de S. Paulo. — As tavolagens da Boa Vista. — Vinho e sangue têm regado esta praia . .

98

CAPÍTULO VIII

O forte de S. Paulo. — Sua rápida história, e suas medições. — A Casa da Moeda, para aqui transferida por El-Rei D. João V. — Em que ano? — Menção da importantíssima Junta do Comércio. — Quais eram os seus fins. — Sua extinção em 1720. — Soneto de Tomás Pinto Brandão. — Companhias do Grão Pará e Maranhão, e do Comércio de Pernambuco e Paraíba. — Soneto de Quita. —

Págs.

Ocupam essas companhias a praia a jusante da Moeda.—É chamado Vieira Lusitano.—O boqueirão da Moeda. — Melhoramentos municipais do sítio.—Prédios novos no lugar da antiga praia.— Conclui-se com uma inscrição que lá está 110

CAPÍTULO IX

O sítio chamado das portas do Pó. — A bica dos Olhos. — Menciona-a um antigo provérbio. — A Companhia do Gás e a antiga Brigada Real da Marinha. — Calçada de Salvador Correia de Sá, hoje (1893) de S. João Nepomuceno. — Descrição do sítio da Boa Vista por um escritor do primeiro quartel do século xvii. — Narração do esboroamento do morro de Santa Catarina, no século xvi. — Providências de D. Filipe neste espantoso acontecimento.—Nova queda do monte em 1621. — Documentos curiosos. — O monte ameaça ruína em 1882. — A Câmara toma providências acertadas. — Horrorosa maneira como em Lisboa se dava sepultura aos negros. — Como El-Rei D. Manuel entende providenciar a isto em 1515 125

CAPÍTULO X

Menção do palácio dos Srs. Condes e Marqueses de Sampaio edificado em 1712. — O Pátio da Galega. — Beco de Francisco André. — Quem seria Francisco André?—Palácios do Largo do Conde-Barão. — O Conde-Barão de Alvito e os Almadas, provedores da Casa da Índia. — Rápido e triste exame do mosteiro da Esperança. — A quinta da Sizana. — Aí funda D. Isabel de Mendanha um cenóbio para senhoras nobres. — Aumentos da casa. — A Rainha D. Catarina aí habita ao pé das freiras. — É expropriado e arruinado o convento. — Descrição do largo.—História da rua de D. Carlos,

| | |
|--|-----|
| que liga o Aterro com o largo da Esperança. — O Cruzeiro da Esperança.—Sua descrição.—Festas públicas. — Demolição do Cruzeiro em 1835. — O bonito chafariz | 139 |
|--|-----|

CAPÍTULO XI

| | |
|---|-----|
| Inventa Damião de Góis um apelido novo. — Os Lan- castres. — Palácio dos Duques de Aveiro no Largo da Esperança. — Cenas passadas nesse palácio. — Aí habitaram os Marqueses das Minas. — Restos que ainda existem do palácio. — A cova da Onça. — D. Afonso de Lancastre vítima de um desastre, e recluso em sua casa. — Visíta de D. Filipe II em 1581 à Duquesa de Aveiro nesta residência da Esperança.—D. Filipe III repete a visíta em 1619. — Pragmáticas | 151 |
|---|-----|

CAPÍTULO XII

| | |
|---|-----|
| O jardim dos Duques de Aveiro. — Em 1648 é cedido pela duquesa D. Maria de Guadalupe aos Capu- chinhos franceses. — Edifica-se o mosteiro deles, chamado dos Barbadinhos. — Testemunho de an- tigos escritores. — Arde o edifício, e depois da extinção dos conventos é vendido ao negociante Robim. — Ainda resta a profanada igreja trans- formada em escola. — Junto desse templo recebe El-Rei D. João V pela primeira vez o título de <i>Majestade</i> . — O palácio Aveiro foi confiscado em 1659 ao dque D. Raimundo. — Pleitos originados dessa confiscação. — Sentença em 1668 em favor de D. Pedro de Lancastre, bispo, arcebispo, inqui- sitor-mor, e duque. — História minuciosa de um aglomerado de casebres entre a Esperança e o Tejo. — Demolem-se. — Menção da Rua do Merca- tudo — Esse homem era avoengo (por afinidade) do falecido professor e académico João de Andrade Corvo, ministro e diplomata | 159 |
|---|-----|